

Congregação cristã no Brasil e sua relação com a música



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.006-032>

André Luiz de Castro Mariano

Em memória;

Doutorando em Ciências Sociais pela Unesp de Marília,
 Mestre em Antropologia Social pela UFPR e Bacharel
 em Teologia pelo CES de Juiz de Fora.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4805346761074306>.

E-mail: andrecastromariano@gmail.com

RESUMO

Como sabemos, o campo religioso brasileiro é notadamente variável, pois, mesmo os segmentos

que são de mesma linha ou origem, apresentam distinções significativas, muitas destas, visíveis até mesmo aqueles que desconhecem o assunto. Ele é também múltiplo, não só de religiões (sabemos que o Brasil é um país religioso, com inúmeras religiões coabitando o mesmo espaço, mesmo que nem sempre, em harmonia), mas também núcleo de segmentos específicos (a exemplo disto, o sincretismo presente no seio das religiões cristãs), como é o caso do evangélico.

Palavras-chave: Congregação cristã, Música, Religioso.

1 INTRODUÇÃO

Como sabemos, o campo religioso brasileiro é notadamente variável, pois, mesmo os segmentos que são de mesma linha ou origem, apresentam distinções significativas, muitas destas, visíveis até mesmo aqueles que desconhecem o assunto. Ele é também múltiplo, não só de religiões (sabemos que o Brasil é um país religioso, com inúmeras religiões coabitando o mesmo espaço, mesmo que nem sempre, em harmonia), mas também núcleo de segmentos específicos (a exemplo disto, o sincretismo presente no seio das religiões cristãs), como é o caso do evangélico.

As denominações desta composição, historicamente vão do protestantismo ao neopentecostalismo, das quais o recorte feito para este texto se concentra na pentecostal Congregação Cristã no Brasil e sua relação com a música. Portanto, esta estrutura apresenta uma especificidade que em nosso entender, a coloca como caso à parte, a saber: o uso exclusivo de letras musicais, que servem para definição e promoção de sua crença, por meio de instrumentos que os fazem se autointitular como “a maior orquestra do mundo”. Dito de outra forma, a referida denominação se diferencia de outras evangélicas, mesmo aquelas que utilizam músicas próprias, como é o caso das Assembleias de Deus, pois atualmente, é comum a divisão do espaço na liturgia do culto, entre os hinos da “Harpa Cristã” e as chamadas músicas gospel. Sendo assim, este texto tem o objetivo de analisar algumas partes das letras de hinos, a relação dos adeptos com sua música e alguns impactos da religião na vida sociorreligiosa dos adeptos, com uma atenção especial para o gênero feminino.



Na primeira parte, a apresentação de um interlocutor da CCB, tem o objetivo de subsidiar um pouco melhor o assunto a ser desenvolvido, pois sua trajetória de vida, marcada por uma série de infortúnios e privações, poderiam conduzi-lo a uma escolha mais comum, o que não aconteceu, em decorrência de uma moral religiosa que pode ser entendida como produto de uma espécie de racionalização religiosa, que reflete diretamente nas escolhas dos adeptos. Na segunda parte foram selecionados alguns hinos do novo hinário da CCB, seguidas de pequenas observações. Por fim, será apresentada uma pequena discussão a partir de autores que dedicaram suas pesquisas na construção de teses e dissertações exclusivamente sobre a Congregação Cristã no Brasil. Não são muitas, mas o suficiente para construção de uma base teórica.

2 JOEL: ALGUNS PONTOS DE SUA TRAJETÓRIA DE VIDA.

Joel é um soldador profissional qualificado em processos de soldagem MAG e atuou nesta área em grandes empresas como a Brafer Construções Metálicas S/A e na Refinaria de Petróleo Presidente Getúlio Vargas, também conhecida como Refinaria do Paraná. Ambas, estão situadas em Araucária, na região metropolitana de Curitiba. Somados a esta profissão que o mantém financeiramente, ele também presta serviços voluntários como gestor de orquestra e músico na Congregação Cristã no Brasil.

Atualmente, ele goza de uma estabilidade considerável, morando em uma bela casa de 160 m² na cidade de Fazenda Rio Grande-PR, mas, nem sempre sua vida foi assim, pois em sua juventude, passou por várias dificuldades financeiras, após seu pai perder o emprego e todo seu patrimônio em Araucária, Paraná. Seu sofrimento, ao lado de sua família, seguiu, mesmo quando seus pais decidiram mudar para Sorocaba, São Paulo em 1995¹. Nesta cidade, em meio às dificuldades, precisaram trabalhar como coletores de produtos recicláveis, mais especificamente, como catadores de papelão.

Foi atuando nesta atividade, que Joel passou por uma de suas maiores dificuldades, quando em um fatídico dia, ele e seu irmão, puxando uma espécie de carrocinha de fabricação caseira, cheia de papelão, encontrou com três garotas que estudavam com ele. Ao avistarem a cena, duas delas começaram zombar, ou nos mesmos termos de Joel, “tirar sarro”. Por suas palavras,

“quando eu puxava, me deparei com três moças. Três meninas de 13 anos, mocinhas, *né*. Eu também tinha 13 anos. Uma delas falou: ‘eu não acredito que esse é Samuel [irmão de Joel] catando de papelão? Ah, eu não acredito é você, Joel?’ Uma delas *não* tirou sarro, mas as outras duas tiraram. E, as lágrimas escorreram, e meu pai começou a chorar e perguntar: ‘Senhor, por que isso? Nós tínhamos casa [própria], cada um dos meus filhos tinha seu quarto, e acabou em nada!’. A enfermidade entrou dentro de nossa casa, começaram gastar dinheiro com remédios, meu pai perdeu emprego e foi perdendo tudo” (grifo nosso).

¹ Data aproximada, resultado de sua idade (30 anos) na época desta entrevista (2012), menos sua idade no período dos acontecimentos narrados (13 anos).



Depois deste episódio, Joel parou com todas as atividades na Igreja, colocou seu instrumento musical pendurado na parede e começou nutrir um sentimento de revolta, tangente ao tocar e também participar dos cultos. Ele só retomou suas atividades, após uma profecia, ocorrida em uma reunião religiosa, a convite da insistente “irmã Sônia”. Nesta reunião a pessoa responsável por ser o preletor, mesmo não conhecendo Joel lhe disse: “*Irmão, Deus está no céu e nós aqui [na terra]*”. De acordo com Joel, havia naquela sala mais de 20 pessoas, quando “aquele irmão abriu a oração e entrando na comunhão, ele deu de dedo assim [apontou dedo para o rosto do pesquisador]”:

“Você menino que está aqui hoje. Você veio pra cá, Deus sabe a tua condição. Eu não te conheço, eu nunca te vi, mas o que Ele manda pregar para você, prego agora. Você, esta sala, estas paredes e essa irmandade que está aqui são testemunhas. Deus prega assim, sem medo de errar. Você mora num barraquinho de madeirite, e a tua mãe tá chorando lá dentro da tua casa. Você sabe por que? É porque aquele bombardino que está lá, empoeirando, e ela olha aquele bombardino e fala assim: ‘Senhor, será que nunca mais eu vou ver esse bombardino tocar na Tua Casa?’

Agora filho, você chega e fala para tua mãe bem assim: mamãe, Deus manda falar que a senhora não só vai ver esse bombardino tocar, mas vai ver eu na frente de uma orquestra, regendo. Glória ao Nome do Senhor!”

Depois deste episódio, Joel seguiu atuando no ramo de produtos recicláveis, e retomou seu trabalho como membro e músico da CCB, com aptidão para tocar Sax e bombardino. Esta qualificação o colocava em uma posição destacável, mas sua construção moral religiosa, o condicionava a uma visão de afastamento do mundo, e ao mesmo tempo, pré-definia o envolvimento na música remunerada, como um tabu, ou seja, a música aparece rigorosamente restrita ao sagrado e em hipótese alguma pode haver contrapartida financeira. De acordo com Joel,

“particularmente falando, para quem está num nível muito alto, dá de dinheiro, só que você sabe que na graça, o dinheiro não funciona. O que funciona é o Espírito Santo. Pode ter dinheiro, pode ter tudo, mas se não tiver Deus, o dinheiro acaba, tudo vai embora e não tem milagre”

Foi também em Sorocaba que Joel recebeu um convite para fazer parte da Banda Municipal de Sorocaba com remuneração significativa, justamente em um momento que a família estava realmente precisando. Mas, ele recusou, mesmo sendo aprovado no teste musical. Nas palavras de Joel, “o salário de um músico que toca várias categorias de instrumentos [...] é de R\$ 5000,00 para cima”.

Em 2012, já na Fazenda Rio Grande e com sua vida financeiramente estabilizada, ele recebeu outro convite de um empresário do ramo de marcenaria, que tem uma Banda de música. Quando ele entrou na casa do Joel para montar móveis planejados, viu seus instrumentos e perguntou se ele tocava. Sua resposta foi: “Não só toco, mas sou maestro geral. Ele me disse: ‘rapaz do céu, estou precisando de músico na banda’”. De acordo com Joel, “as ofertas vêm de todos os lados, mas eu não largo a doutrina, porque eu a honro”.



Feito estes apontamentos, cujo objetivo é mostrar como a vida religiosa dos adeptos da CCB, não se mistura com aquilo que é entendido como mundano (em nosso caso, relativo à música), foi selecionado entre os mais de 400 hinos do catálogo de músicas do hinário da Congregação Cristã no Brasil, quatro hinos, cujas letras servem como fundamentação e reflexão no que tange as escolhas feitas por nosso sujeito de pesquisa, mas que também retrata as ações da comunidade. Eles remetem a relação entre humano e sagrado ora dentro de uma perspectiva de estadia mundana sem interação com o mundo, ora em uma relação entre homem e divino, cuja relação principal é motivada não por este mundo, mas no mundo por vir, ou seja, escatológico.

3 O HOMEM RELIGIOSO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL E O MUNDO

Não se pode manter uma vida totalmente ascética, porém o envolvimento mundano é minimizado o máximo possível. O primeiro da seleção tem o título, “O meu socorro vem do Senhor” e pretende fornecer a comunidade de religiosos, um estilo de vida próprio.

O meu socorro vem do Senhor – Hino 121

O meu socorro vem do Senhor
Que é do universo o Criador
Tudo que se move por Seu poder
Sempre por Ele, hei de vencer

É Deus quem guarda a sua igreja
Não adormece, nem tosqueneja
Não deixará teu pé vacilar
Nas lutas que tens de enfrentar

Em todo o tempo ando com Deus
Que me promete vida nos céus
Se eu for humildade me guardará
Para a glória me levará

Eu glorifico ao Criador
Por ter mandado o Salvador
Para me dar fé, vida e perdão
E no Seu reino, o galardão

Na letra deste hino, é possível perceber como está posta a relação do homem com Deus, mesmo estando no mundo. É Deus quem oferece verdadeira proteção, pois a proteção verdadeira não vem dos homens. E, além desta perspectiva diante dos enfrentamentos de problemas, existe uma promessa ainda maior, ou seja, a possibilidade de vida eterna, mediante a caminhada com Deus, mesmo em meio a uma vida humilde. Só assim, se encontrará o perdão, a fé, a vida, a consagração. Todo este contexto deve ser expressão de gratidão ao sagrado.

A segunda música, chamada “Eu sou um cordeirinho”, busca construir nos adeptos um sentimento de confiança, porque pertencem a um ser transcendente.



Eu sou um cordeirinho – Hino 441

Eu sou um cordeirinho, Jesus é o meu pastor
Desfruto seu carinho e seu sublime amor
Nasci no seu rebanho por graça divinal
Não sigo a voz do estranho, mas só a paternal

Eu sou um cordeirinho, Jesus é meu pastor
Sou um feliz menino nos braços do Senhor
A Sua voz conheço, também o Seu querer
A Ele obedeço, disposto e com prazer

Sozinho no deserto jamais eu posso andar
Jesus está bem perto a fim de me guardar
É grande o cuidado que ele tem por mim
O meu pastor amado me guia até o fim

Neste hino a relação do homem com Deus, no mundo é pautada no pertencimento a Jesus Cristo e ao mesmo tempo o reconhecimento de sua autoridade sobre a vida da pessoa escolhida. Além disto, os separados por Deus como filhos, não devem interagir ou seguir diretrizes de estranhos, mas sempre seguindo no reconhecimento da voz de seu Senhor, consciente das regras e obediência a estas, como parte de sua realização pessoal.

Em outros hinos de mesma linha é possível perceber que a relação do homem com Deus, no mundo, não é apenas de pertencimento a divindade, mas também refere à necessidade de caminhar espontaneamente com o sagrado. Para aqueles que andam na companhia de Jesus, a garantia é saber que ninguém poderá afastar os escolhidos da presença de Deus, pois Jesus os defende nas adversidades. Neste segmento religioso, a “doutrina”, é vista como fundamento de regras de conduta, que norteiam os religiosos a permanecerem firmes em seus objetivos. Só assim, as vitórias poder ser garantidas, mediante o governo de Deus.

3.1 O HOMEM RELIGIOSO DA CCB E O MUNDO ESCATOLÓGICO A PARTIR DOS HINOS

Na segunda seletiva de hinos, mantém-se a relação do homem com Deus, mas agora, na perspectiva de olhar para um mundo que está por vir, ou seja, transcendente e escatológico. Neste grupo, cabe iniciar com o hino “Quero, ó Senhor, ir contigo ao céu”.

Quero, ó Senhor, ir contigo ao céu – Hino 283

Tenho em meu coração, real certeza
De que, no céu, com Cristo habitarei
Pois minha sorte e eternal riqueza
Então no céu, onde a desfrutarei

Quero, ó Senhor, ir contigo ao Céu
E contemplar Teu Esplendor
Sei que me darás, na Eternal Sião
Grande e avultado galardão



Bom testemunho levarei comigo
Se neste mundo eu manifestar
Que Jesus Cristo é o verdadeiro amigo
Por quem a paz eu pude encontrar!

Vivendo sempre em doce Esperança
Em Cristo sinto divinal prazer
Receberei no Céu a minha herança
Que Deus irá, na Glória, conceder

Neste caso, a relação do homem com Deus no mundo por vir se baseia em uma visão que condiciona o sujeito religioso a entender que o destino final não é um lugar especial neste mundo, mas no mundo transcendente, por meio da vida eterna. O objetivo parece ser o entendimento de um sagrado que sempre recompensa o humano escolhido por Ele. No conjunto da obra, boas ações neste mundo, somados a um relacionamento íntimo com o Filho de Deus, Jesus, refletirá em parte significativa a ser levado para a eternidade. Por fim, uma esperança escatológica, minimiza psicologicamente as possíveis dificuldades atuando sobre o emocional.

O segundo hino, traz o título “Os tempos já chegados são” e reforçam a crença em um fim deste mundo, motivando as pessoas envolvidas, manter sua esperança ativada.

Os tempos já chegados são – Hino 364

Os tempos já chegados são
Os dias Deus abreviou
Bem perto está a consumação
Das promessas que Deus anunciou

O nosso rei não tardará
Virá do céu com resplendor
O povo santo, ao vê-lo, lhe dirá
Sim vem, amado senhor

Os que servirem ao senhor
Com glória aparecerão
No reino eterno de amor
Como o sol eles resplandecerão

Quem tem ouvidos para ouvir
Atenda o espírito de Deus
Que fala do feliz por vir
Preparado aos santos lá nos céus

Nesta segunda letra, a relação do homem com Deus no mundo por vir é retomada pela existência de uma crença escatológica, colocando um fim neste mundo corrompido e marcado por sofrimentos, em detrimento de outro mundo, perfeito e eterno. Ao mesmo tempo, a letra reforça a ideia que tal acontecimento está prestes a acontecer, mantendo a pessoa sempre alerta e, ainda, fomenta o sentimento de ansiedade e desejo no por vir. Além disto, o referido hino sintetiza uma visão de mundo muito presente neste segmento religioso, o fato que o serviço prestado ao transcendente, se converte



em glória para aqueles que são escolhidos para isto e, no lugar celestial, alcançarão o status de brilho de quinta grandeza. Por fim, a letra chama a comunidade a intensificar sua atenção para o que está sendo dito, e a obediência às diretrizes do Ser celestial, pois Este, com alegria em transmitir tais promessas, segue preparando lugar para seus eleitos ao Seu lado nos céus.

Cabe pontuar ainda, a existência de músicas que abordarão a relação do homem com Deus no mundo por vir, levando em consideração a fragilidade humana, mas com necessidade de seguir aprendendo o que o sagrado tem a ensinar, mesmo estando dentro de um mundo passageiro, mas que é a porta de entrada para cidadania celestial. Sinalizam segurança, paz e alegria, que são garantias para aqueles que estão na presença do sagrado e que, independente das adversidades deste mundo, terão acesso a algo maior e mais relevante, ou seja, a certeza de uma vida eterna. Força e segurança neste mundo são resultados do apoio fornecido pelo divino aos seus escolhidos, que por sua vez, depositam sobre este sagrado, sua esperança.

4 REFERENCIAL TEÓRICO ESPECÍFICO - CCB

Os próximos parágrafos, contará com contribuição intelectual específica sobre a Congregação Cristã no Brasil: Conforme Deitos (1996, p. 70), o imaginário religioso da CCB é construído sobre forma de tripé que lhe fornece sustentação quanto sua identidade. São estes o “ser escolhidos de Deus”, demonstrando exclusividade frente a outros grupos; a “separação do mundo”, dando um caráter mais ascético a esta sociedade religiosa, demonstrando que o fiel e o mundo, são polos opostos que não devem estabelecer contato amigável; e por fim, o “combate ao demônio”. Este último possui uma ótica distinta das Igrejas neopentecostais que preferem um enfrentamento aberto, explícito e direto no que se refere ao mal. Na Congregação as chamadas “manifestações demoníacas” não ocupam um lugar central, nem mesmo em caráter de guerra santa, mas aparecem com propriedade, sobretudo, antecedendo as oportunidades dos fiéis expressarem suas experiências com o sagrado. Os religiosos são orientados pelo ancião, cooperador ou diácono que esteja presidindo o culto, a não compartilhar algo que venha atribuir prevalência do mal, sobre a pessoa.

Deitos (1996, p. 76-83), mostra que estes conceitos são exportados para as letras dos hinos e difundidos nos cultos da CCB. O conceito de ser um escolhido de Deus, de acordo com o autor, vai minimizar os possíveis impactos emocionais decorrentes de reuniões com montantes reduzidos de participantes, mas ao mesmo tempo, vai fornecer a estes um sistema motivacional a procura de novos adeptos. Já a separação de um mundo que pertence ao mal, além de dar manutenção no conceito anterior, ou seja, o de ser um escolhido, também funciona como uma blindagem quanto a adesões e práticas atribuídas ao diabo. Exemplo, as práticas sexuais antes ou fora do casamento, drogas lícitas ou ilícitas, e etc. Portanto, o que se pretende é mostrar que práticas que se desdobram na ação do mal, consequentemente no pecado, produzem doenças que resultam em sofrimento, morte prematura do



corpo e condenação da alma. Para eles, é isto que justifica necessidade de uma separação radical do mundo, mesmo vivendo nele. Em decorrência disto, “esta representação de escolhidos de Deus é expressa em inúmeros hinos da Congregação Cristã” (DEITOS, 1996, p. 78), bem como hinos que “aponta para a necessidade de se preparar para enfrentar o mundo com as suas tentações e ilusões (DEITOS, 1996, p.79), e na luta diária contra o mal. Sendo assim, “na medida que se trava a ‘disputa’ com o ‘diabo’ é que se define também a qualidade de ser ‘escolhido de Deus’” (DEITOS, p. 83).

Se de um lado o esforço está na grande batalha quase desleal, travada entre o homem, um mero mortal, contra os gigantes, mundo e diabo, por outro, o entendimento de estar acompanhado do sagrado, somados as promessas escatológicas e positivamente tentadora de um porvir celestial, abastecem de esperanças tanto o indivíduo renunciante as tentações negativas, quanto a sociedade religiosa:

No pentecostalismo a representação do caos pelo pecado é identificada com o chamado mundo dos homens, que se caracteriza por um recorte moral-religioso, como um mundo de vícios, de doenças, de apostasia. É um mundo falso, ilusório, passageiro. É visto em uma perspectiva utilitária, como o tempo e espaço da provação, que deve resultar necessariamente na conversão. É a anti-câmara de um mundo eterno (DEITOS, 1996, p. 85).

Hinos reforçam estas ideias e segundo o autor (1996, p. 85), não serve apenas de base para sua interpretação quanto ao assunto, mas constroem o estilo de vida e a visão de mundo destas pessoas: “Deste mundo nada esperarei, pois melhor que Jesus não acharei: N’Ele sempre eu hei de confiar e de coração O amar”. Ou: “É vaidade o que no mundo há, tudo em breve aqui se findará; viverei para sempre com Jesus, se andar em sua Luz.”

Outro autor relevante para tratar o assunto é Foerster (2009), mas sua contribuição aqui recortada é mostrar a existência de manutenção da cultura religiosa por parte destes atores. De acordo com o autor (2009, p. 23), as mesmas observações relativas ao campo durante sua pesquisa, comparadas com os registros de Léonard em 1952, demonstram que aparentemente não houve mudanças. Isto não significa inexistência, entretanto, realmente o que salta a vista de quaisquer pesquisadores que antes de iniciar sua inserção à campo, recorram as informações disponíveis, ou mesmo aqueles que supostamente tenha um contato prévio com o campo, para depois abordar dados etnográficos sobre a Congregação Cristã no Brasil, em primeira vista a afirmação de não mudanças é praticamente unânime. Defendo que elas acontecem, porém são lentas, quase imperceptíveis a olho nu, ou melhor dizendo, a um olhar destreinado e incapaz de problematizar as observações em campo.

Foerster observou que (assim como outros pesquisadores que se dedicaram a pesquisa sobre a CCB, dos quais fazemos parte), após a abertura do culto, fica disponível para a comunidade religiosa a escolha de três hinos que constam no seu catálogo de hinários. É neste momento da liturgia do culto que mais se percebe uma democratização das participações, isto porque, nas etapas litúrgicas, distribuídas ao longo de aproximadamente 90 minutos, fica claro a prevalência do gênero masculino



sobre o feminino. Após este momento, orações coletivas são realizadas, testemunhos de ambos os sexos também tem caráter democrático, seguido de um período de oração antecedendo a pregação, ou seja, a mensagem. Nesta altura da liturgia, a ordem muda radicalmente, pois além de ser uma atribuição exclusivamente masculina, ela é destinada apenas a um grupo reduzido e específico de participantes, sendo estes os anciãos, os cooperadores e os diáconos. Fora, ninguém está legitimado para ser “porta-voz” do sagrado. Após este momento, a sociedade de religiosos tem liberdade para “pedir [mais] um hino”.

Os hinos tocados pela orquestra da CCB e acompanhados pelas vozes da comunidade são os mesmos em todo o Brasil, assim como em outros países onde a Congregação está estabelecida. Compilado em um pequeno livreto, cujo título é “Hinos de Louvores e Súplicas a Deus”, possivelmente seja um dos indícios que as mudanças, mesmo que lentas, acontecem. Iranilde Ferreira Miguel em sua dissertação de mestrado em Educação, pela Unesp de Presidente Prudente, defendida em 2008, conseguiu em apenas um parágrafo apresentar as mudanças ocorridas neste catálogo. Conforme Miguel, (2008, p. 98, 99):

Inicialmente a CCB cantava em um hinário escrito em italiano, intitulado *Nuovo Libro D'inni e Salmo Spirituali*. Em fevereiro de 1936, publicou-se a segunda edição do hinário intitulado *Hymnos e Psalmos Espirituales N.º 2*. Em 1951, foi apresentada a 3ª edição do hinário, agora intitulado *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus* composto de 300 hinos de cultos oficiais e 30 hinos de reunião de jovens e menores. Grande parte destas melodias foi mantida do hinário anterior, acrescidas outras de autores estrangeiros e também de irmãos. Em março de 1965, publicou-se a quarta edição do Hinário, intitulado *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus. N.º 4* compostos de 400 hinos de cultos oficiais, 50 hinos de reunião de jovens e menores, sendo selecionado entre estes, hinos especiais para Batismos, Santas Ceias e Funerais. Grande parte destas melodias foi mantida das edições dos hinários anterior, acrescidas outras de autores estrangeiros e também de irmãos CCB. Este hinário é usado até hoje (MIGUEL, 2008, p. 98-99).

Como registrado nesta citação, e mencionado anteriormente, nota-se que as mudanças vêm ocorrendo ao longo dos desdobramentos históricos, mesmo que uma determinada geração de músicos, dificilmente tenha conseguido testemunhar duas mudanças enquanto em atividade. Por exemplo, apenas agora em 2012, iniciou a publicação a quinta edição do hinário, disponibilizada para a denominação no ano seguinte. Portanto, foram mais de quatro décadas e meia, vigorando a edição 04.

Os hinos, como dito, são tocados pelas orquestras da própria Congregação e acompanhados pelas vozes dos fiéis. As orquestras são compostas exclusivamente por homens, de variadas faixas etárias e destinados às mulheres, apenas a possibilidade de serem organistas. Relatos de entrevistas colocam o início desta modalidade musical no Paraná a partir da década de 1930, o que coincide com os registros de Miguel (2008, p. 97), ao apontar que as orquestras dentro da Congregação Cristã no Brasil data-se de 1932.

De acordo com a autora, é possível “fazer parte do conjunto musical todos os que professam a fé e a doutrina da CCB e que tenham boa conduta” (MIGUEL, 2008, p. 97), o que na prática



atualmente, só se confirma em parte. Em Maringá, segundo relatos de sujeito de pesquisa, corroborado por outros envolvidos, mulheres organistas, mesmo que sejam exímias na arte, só é possível tocar em sua Igreja, uma única vez no ano, decorrente a elevada oferta. Por isto, não há incentivo ou espaço para novas participantes. Já do lado masculino, o cenário não é muito diferente. Assim, qualquer um que deseje ser músico, antes de tudo, deve conversar com o encarregado de música e ver com ele, se existe a possibilidade de absolvição e caso a resposta seja positiva, é preciso ver ainda qual o instrumento dentro da orquestra que existe carência. Somente depois disto é que aspirante pode investir na sua formação, inclusive arcando com a compra e manutenção de seu instrumento. Além disto, somados a uma oferta de músicos expressiva, leva-se em consideração o espaço físico das igrejas que estão vinculados. Há registros de orientação aos músicos, tocarem seus instrumentos com capacidade reduzida e assim, não comprometerem o desenvolvimento das atividades em decorrência de som excessivo.

Inclinando um pouco o sentido, reportamos o pesquisador e professor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, que defendeu sua dissertação de mestrado pelo Departamento de Linguística da Unicamp em 1986, sendo “Ritual e representação: o discurso religioso da Congregação Cristã no Brasil” nos fornece dados relevantes sobre este segmento religioso. O trabalho foi posteriormente publicado pela Editora da Unicamp, sob o título “As vozes prementes” (1989), e nos fornece vários pontos pormenorizados a respeito de práticas comportamentais, litúrgicas, organizacionais, mas, sobretudo, sobre os rituais. Porém, como nosso objetivo neste texto é a relação com a música, nada mais justo que concentrar nas informações tratadas pelo autor sobre esta área, o que nos remete ao tema “Chamada do hino”, mas após o próximo parágrafo.

O pesquisador, assim como outros que dedicaram ou ainda dedicam seus esforços em pesquisar o assunto, consegue em campo perceber a mesma estrutura na liturgia dos cultos. Ou seja, é possível entender que a dinâmica é a mesma em quaisquer partes do território nacional, onde uma filial da Congregação Cristã está estabelecida. Talvez não seja demais afirmar que esta homogeneidade só é possível, graças a um sistema de estruturação da liturgia, a partir da Sede da Congregação Cristã no Brasil, no Brás, seguida de uma reprodução fiel, mesmo que racionalizada, por parte dos responsáveis em cada Igreja local. Além disto, da mesma forma que se mentem um policiamento sistemático dos comportamentos dos membros, tanto em relação à vida dentro da sociedade religiosa, quanto na sociedade comum, confirmando este aspecto sectário, o mesmo vale para a manutenção e permanência da ordem ritual/litúrgica dos cultos, independente da posição geográfica, ou temporal. Dito de outra forma trata-se de situações de cunho dogmático.

Somadas a estas contribuições, a abordagem sobre as chamadas dos hinos, pontuados por Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (1989, p. 42), contribui ao mostrar a forma com que o ancião, responsável por presidir o culto, ocupa o papel de normatizar o ritual em seu desdobramento, por meio



de um sistema de doutrinação padronizada dos fiéis. O autor deixa claro que este processo pedagógico não acontece em todos os cultos, mas existem, tanto que foi possível fazer um registro detalhado de um destes momentos. Segue citação do autor:

E também, quando formos chamar os hinos, nós devemos chamar os hinos de pé... Então pronuncia bem, hino: um por um, né? Se tiver algum problema, então falar----- este hino tem: UM – ZERO – ZERO. Às vezes o do lado não entendeu direito. Tem: UM – SETE – SETE, NE? (...) Então, enquanto o do lado não entende, é bom que o irmão fique em pé, porque o irmão, ‘tando de pé’, a irmã, ‘tando de pé, já no ficar de pé, ela já presta atenção-----’. Então ele olha na boca do irmão ----- sabe no pronunciar as palavras, ela ajuda que ‘tá lhe seguindo a entender se é ZERO ou SETE, não é? (...). E quando for algum hino que tem o número SEIS, devemos dizer não SEIS, mas MEIA DÚZIA, porque o SEIS, confunde-se com TREIS, não é? (Bonfim, 13/06/81, apud CORRÊA, 1989, p. 42).

De acordo com o pesquisador (1989), esta dimensão é prática, pois tem como objetivo, orientar os fiéis como os hinos devem ser socializados dentre centenas de hinos que compõe o catálogo, mas ao mesmo tempo, conduz a uma dimensão ritual, quando aplica passo-a-passo, o desenvolvimento do processo, definindo em qual etapa do rito ele se encaixa.

O momento de chamada de um hino, ou seja, de expressar publicamente uma preferência – claro que não é aleatório, pois dentro do repertório existem os hinos específicos que servem para finalidades diretas, como hinos de abertura (que cabem somente a esta finalidade), hinos que antecedem as orações e mensagens, além dos hinos em momentos de batismos ou ofícios fúnebres – é um momento de todos. Homens e mulheres, desde que façam parte da comunidade e conheçam o ritual, estão legitimados para apresentar suas sugestões, mas, devem ser confirmadas pela pessoa que está presidindo o culto. Está é uma parte da liturgia que, ser um representante do sagrado, esta acessível a todos aqueles que compõem a sociedade religiosa, independente do gênero ou hierarquia. Depois disto, o ritual volta à mesma condição segregaria.

Embora homens e mulheres possam aplicar todo seu potencial ao cantar o hino sugerido e acatado pelo presidente, no mesmo quadro, as mulheres organistas não podem acompanhar a totalidade da música, como também não podem tocar os instrumentos. Mesmo assim, não deixa de ser um momento de profunda entrega dos entes envolvidos:

Há, portanto, uma estreita relação entre a chamada do hino pela enunciação de um número e o chamamento – invocação – da divindade. O hino, acompanhado sempre pelos instrumentos de sopro, permanece incompreensível para o ouvinte leigo, dada a altura em que são tocados aqueles instrumentos. Pelo mesmo, os fiéis podem soltar a voz até o limite. O efeito, portanto, é o de total liberação da voz, o que vai ter influência na entrega total dos fiéis durante o culto e vai resultar na esperada ligação com a divindade. É mais um caminho para a chamada ‘comunhão co Deus’ (CORRÊA, 1989, p. 43).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se ter aproximado ao final destes parágrafos, construindo mais uma pequena etapa no tocante a problematização deste segmento religioso ainda pouco explorado como objeto de pesquisa,



portanto com grande possibilidade de avanços no que se refere a produções acadêmicas. Aliás, a utilização apenas de dissertações e teses de pesquisadores que dedicaram seu trabalho diretamente a Congregação Cristã no Brasil, na construção deste texto, não é aleatória. Ainda que sejam numericamente reduzidos, tem como objetivo de incentivar outros pesquisadores a este desafio, ou seja, produzir.

Quanto à estrutura do trabalho, ter utilizado apenas um interlocutor para construir uma reflexão, acredita-se que passa ter sentido, na medida em que se considera não se tratar de um caso isolado, mas de uma visão de mundo sistematicamente construída pela cúpula da sociedade religiosa, transmitida e executada com propriedade pelos fiéis que fazem parte do grupo. Mesmo que esta prática não seja exclusiva da CCB, e realmente não é, nestes sujeitos, vemos estes paradigmas sendo levados a cabo. Sendo assim, alguns envolvimento tidos como mundanos jamais podem hibridizar com aquilo que é sagrado, dentre os quais, a música faz parte e não um caso à parte. Talvez não seja relevante pontuar, mas cabe mencionar que a contemporânea da Congregação Cristã, a Assembleia de Deus, já vem utilizando músicas gospel e a neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus, não veem muitos problemas em utilizar músicas vistas por outras denominações, realmente “do mundo”. A proposição aqui é mostrar que para este grupo, passar por dificuldades e privações, não abre possibilidade de acesso a escolhas que deixem de honrar ao sagrado e que os chamados dons, não podem ser utilizados em benefício próprio, ou desvio de finalidade.

Já a parte que remete aos hinos, a intenção é mostrar como algumas letras de hinos têm caráter pedagógico, pois funcionam como constructo e catalisador da crença, mas também na manutenção das mesmas. Hinos não são composições aleatórias, assim como a escolha pelos fiéis dentro da liturgia dos cultos, não é destituída de sentidos, ou seja, aqueles que “chamam um hino” os fazem por razões específicas e previamente definidas, ainda que atribuídos à “ação do Espírito Santo”, ou percebidas como inconscientes.

Finalizando, a parte teórica busca fundamentar que as amostras no campo relacionado à CCB, aparentemente são homogêneos e imitáveis, mas não são. Mesmo que pesquisas de um passado remoto, comparadas com recente presente mostrem que ao longo dos anos não haja mudanças, elas estão ocorrendo e mesmo as que não se efetivam, por manutenção da ordem religiosa, elas também devem ser percebidas como objeto de pesquisa.



REFERÊNCIAS

- BARROS, Valéria Esteves Nascimento. *Da casa das rezas à Congregação Cristã no Brasil: O pentecostalismo Guarani na terra indígena Laranjinha/PR*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, Florianópolis, 2003. Orientação de Dr^a Antonella Maria Imperatriz Tassinari.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *As vozes prementes: o discurso religioso da Congregação Cristã no Brasil*. 2^a edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- DEITOS, Niceu Jacob. *Representações pentecostais no Oeste paranaense: A Congregação Cristã no Brasil em Cascavel – 1970-1995*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFSC, Florianópolis, 1996. Orientação de Dr. Artur César Isaia.
- FOERSTER, Norbert Hans Christoph. *A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista: aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – UMESP, São Bernardo do Campo, 2009. Orientação de Dr. Dario Paulo Barrera Rivera.
- LEITE, Sérgio Araújo. *Entre o rito e o cotidiano: As mulheres da Congregação Cristã no Brasil da cidade de Carapicuíba*. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – PUC/SP, São Paulo, 2008. Orientação de Dr. Edin Sued Abumanssur.
- MIGUEL, Iranilde Ferreira. *Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania: as professoras da Congregação Cristã no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unesp, Presidente Prudente, 2008. Orientação de Dr^a Arilda Inês Miranda Ribeiro.
- YUASA, Key. *Louis Francescon: a theological biography, 1866-1964*. Edição Revisada. Tese (Doutorado em Teologia) – Université de Genève, Genebra, 2001. Orientação de Oliver Fatio.